
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p. 125-143

ISSN: 2237-0315

Expressões culturais e práticas educativas: possibilidades de educação em diferentes contextos

Cultural expressions and educational practices: educational possibilities in different contexts

Joelci Mora Silva

Celia Beatriz Piatti

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Eder Ahmad Charaf Eddine

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Campo Grande/MS e Palmas/Tocantins - Brasil

Resumo

O principal objetivo desse artigo é apresentar e analisar aspectos das dimensões educativa e cultural da festa de São João de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. A necessidade dessa interlocução nasceu dos estudos da pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”. Os dados provieram de entrevistas com professoras que vivem e trabalham na região do Pantanal-MS, e foram analisados sob os postulados da Teoria Histórico-Cultural. Conclui-se que nas festas populares se estabelece a comunicação entre o local e o universal, permitindo uma educação intrínseca a diferentes espaços, tempos e contextos.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Espaços educativos não formais.

Abstract

Abstract: The main objective of this paper is to present and analyze aspects of the educational and cultural dimensions of São João's party, that occur in Corumbá, of Mato Grosso do Sul. This dialogue was born from the studies realized by the research named “The education as a process of the subject constitution: the said in the works and the done in everyday life”. The data came from interviews of teachers that live and work in Pantanal, Mato Grosso do Sul. The informations was analysed under the postulates of Historical-Cultural Theory. We conclude that the popular parties to establish communication between the local and universal, allowing different intrinsic education spaces, times and contexts.

Keywords: Education. Culture. Non-formal educational spaces.

Introdução

Tudo pode ser educado e reeducado no ser humano por meio de influência social correspondente. A própria personalidade não deve ser entendida como uma forma acabada, mas como uma forma dinâmica de interação que flui permanentemente entre o organismo e o meio. (VIGOTSKI, 2003, p. 200).

A epígrafe que inicia esse texto conduz ao entendimento de que o homem se difere dos demais seres porque é capaz de criar, determinando e instituindo condições de vida, para sua subsistência e, dessa forma, avança em diferentes aspectos necessários para a sua constituição. O seu desenvolvimento está atrelado ao processo social do trabalho, que altera as condições históricas, bem como o seu modo de vida. Essa alteração acontece sempre vinculada à história da transformação da natureza para o avanço da cultura. Assim:

Esse processo é sempre ativo do ponto de vista do homem. Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto. (LEONTIEV, 2004, p. 286).

A principal característica do processo de apropriação é considerar que

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim, as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. (LEONTIEV, 2004, p. 284).

Seguindo o pensamento do autor, observa-se que a atividade medeia a relação entre o homem e o contexto real de vida, assim, a atividade humana existe em formato de ações, ou seja, cada tipo de atividade desenvolvida manifesta-se em ações dessa mesma atividade que se realiza sempre mediatizada por um motivo. Ao constituir-se o sujeito se insere nos contextos sociais e, portanto, ao mesmo tempo em que se apropria da cultura é capaz de produzi-la, pois a sua ação no meio é dinâmica e concreta.

Assim, entende-se que as “festas populares” são expressões da cultura local e encerram em si variadas atividades, já que são compostas de ações desenvolvidas a partir de um objetivo, portadoras de sentidos e significados para seus participantes.

Uma vez entendidas dessa forma, possuem caráter educacional, pois contribuem para a apreensão das heranças culturais, e nesse movimento, são elementos necessários

para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Nessa perspectiva, o trabalho em tela, busca apresentar e analisar aspectos das dimensões educativas que integram a festa de São João de Corumbáⁱ.

Para fazê-lo, partiu-se de um recorte da pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidianoⁱⁱ”, considerando-se especialmente o que revelaram as professoras de uma escola localizada na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, acerca dos sentidos e dos significados da cultura frente à educação formal. Os resultados permitiram também a busca de contextos e possibilidades de educação para além do ambiente escolar.

Posicionamentos iniciais: Cultura e Educação

Refletir, registrar e discutir sobre a temática cultura é algo complexo frente às inúmeras acepções que o termo carrega, o que gera dúvidas e, até mesmo, alguns equívocos, pois, ao tentar compreendê-las, há uma forte tendência em diferenciá-las e, dessa forma, buscar superioridades ou inferioridades em sua evolução. Portanto, é necessário compreender o termo conforme o contexto no qual se insere, pois a sua natureza teórica exige uma reflexão sobre a noção de cultura na qualidade de categoria de análise, bem como as possíveis dimensões de sua configuração e emprego.

Diferentes concepções surgem tendo em vista a inquietação do homem para compreender o mundo a sua volta, o que ultrapassa épocas em momentos distintos na perspectiva de elucidar questões acerca do desenvolvimento da humanidade e suas relações com o passado e com o presente. Nesse sentido, corrobora-se com Santos quando aponta que:

O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. O autor segue afirmando que, ao discutir cultura, temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. (SANTOS, 2006, p. 7).

Em diferentes momentos e contextos, os grupos se aproximam ou se distanciam frente às diferenças e as igualdades de cada um deles, que se expressam na cultura. Assim, considera-se que:

Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as

culturas particulares que existem logo se constata a grande variação delas. (SANTOS, 2006, p. 8).

Cabe ressaltar que a busca pela compreensão do termo cultura, permite pensar a sociedade em geral, porém essa compreensão pode se realizar de diferentes modos, por vezes, contraditórios. Santos (2006) adverte que considerar cada cultura em particular não pode ser processo de separação das relações existentes entre elas.

Nessa busca em compreender as culturas, há uma forte tendência em classificá-las e hierarquizá-las, mas é preciso lembrar que cada grupo humano buscou maneiras de viver, resultando em características diferentes nas formas de organizar suas moradias, de se alimentar, utilizar os meios naturais e materiais, manifestar-se por meio de músicas, danças, conviver e manter relações entre seus membros.

Portanto, essas ações representam a história, a constituição e a construção singular de cada grupo, porém é preciso ressaltar que, ao se diferenciarem, não há como excluí-las ou menosprezá-las, pois se entende que, nessa singularidade, está a universalidade, expressa na interação entre elas, quando a proposta é compreender as relações sociais que permeiam a vida do homem na sociedade.

De acordo com Alves (2003) ao desvelar as especificidades de um lugar ou de grupos é preciso ter cuidado para não isolar a realidade investigada, pois de acordo com o autor ao buscar apresentar a realidade enfatizam-se as diferenças e o universal deixa de ser evidenciado. Ao identificar-se a cultura de um determinado grupo é preciso revelar o que une e não o que diferencia seus integrantes.

Nesse sentido, Santos alerta que “não há nenhuma lei natural que diga as características de uma cultura e a façam superior a outras. Existem, no entanto processos históricos que as relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas.” (SANTOS, 2006, p. 17).

Ao compreender essa questão entende-se que cada grupo passa por estágios de evolução nas formas de organizar e transformar a vida em sociedade e, dessa forma, se inter-relaciona, porém de modo desigual, tendo em vista o sistema em que vive, uma sociedade classista, que apresenta questões como desigualdades sociais, relações permeadas de poder, exclusão de grupos, entre outras.

Pelos motivos apontados, não há como isolar e particularizar as formas culturais existentes em uma sociedade, pois cada expressão da cultura faz parte de um processo

universal. Assim, ao tentar compreender a cultura, faz-se necessário perceber a distinção existente em cada uma delas, bem como seu processo histórico.

A interatividade do homem em seu meio é o espaço de constituição de sua subjetividade. A sua experiência no meio social permite o seu envolvimento com o outro e, por conseguinte, a construção de significados que se revelam na cultura. “Compreender a cultura é pensar sobre a nossa própria realidade, quem somos e de que forma podemos relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que a constituem.” (SANTOS, 2006, p. 9).

Portanto, o homem é um ser social, que agrega e transmite de geração para geração as suas experiências e criações que, uma vez compartilhadas, tornam-se produtos da sociedade e, por conseguinte, da cultura, considerando que “[...] No processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais.” (VIGOSTKI, 2003, p. 34).

Assim, a cultura é vista como algo intrínseco ao homem, ao considerá-lo como ser social. Logo, ao conceber a história de cada sujeito já é possível pensar a cultura, pois se considera que o ser humano aprende, apreende, cria e transforma-se no processo histórico de cada sociedade e, logo em diferentes culturas em diferentes tempos e espaços.

A Cultura como processo educacional

Para entender o processo de constituição dos sujeitos a partir das alusões que vão além do espaço escolar é preciso compreender que, as características humanas formam-se ao longo da história da humanidade e desenvolvem-se durante toda a vida do sujeito, resultantes da interação dialética entre o homem e o meio natural.

Por essa perspectiva, a cultura é um processo de acumulação de experiências, que o homem realiza, aprende a diferenciá-las, a atribuir significados, a transformá-las e a objetivá-las, a partir de seu contato com o mundo.

Nesse contato, a educação é entendida para além do espaço escolar, pois envolve situações diversas que acontecem em diferentes lugares e em diferentes grupos sociais.

A educação é um processo que colabora na constituição do sujeito que se apropria de bens que a humanidade produziu.

Cabe ressaltar que nenhum homem nasce pronto, ele se desenvolve ao se apropriar dos artefatos culturais existentes, por inúmeros meios, entre eles, pelos processos educativos que não ocorrem apenas no espaço escolar de educação formal.

O processo de apropriação é considerado como “resultado de uma atividade efetiva do indivíduo em relação aos objetos e fenômenos do mundo circundante criado pelo desenvolvimento da cultura humana.” (LEONTIEV, 2004, p. 290). De acordo com as ideias do autor essa relação é possível por intermédio da relação do homem com os outros seres humanos, pois afirma que é por meio da educação que se dá a aquisição da cultura humana às novas gerações.

Depreende-se que toda ação humana não é natural (não nasce com o homem) e sim social, está imbricada nas relações sociais e tem como base a prática social. É preciso compreender que ao apropriar-se da cultura o homem não recebe apenas por via de transmissão de conhecimentos, como apresenta a educação formal. Apropriar-se da cultura é algo dinâmico, no qual o homem reage com ações tipicamente humanas e, dessa forma não se mantém passivo frente aos processos sociais.

A despeito disso entende-se que o sujeito vive a educação em diferentes momentos e contextos nos quais atua, evidenciando a educação nos saberes construídos. Logo, a constituição do sujeito é um processo educativo em diferentes espaços formal ou não formal, pois há condições sociais que favorecem a construção de conhecimentos.

Conforme Leontiev:

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. (LEONTIEV, 2004, p. 301).

É importante considerar que o meio onde o sujeito se constitui tem influência em seu modo de ser e se relacionar com as práticas sociais. Desse modo, cabe ressaltar que, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da educação – LDB, “[...] a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e

organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p. 1). Assim, entende-se que a educação está presente em diferentes espaços e tempos e, nessas condições, aqui será discutida, a partir do olhar das professoras que trabalham em escolas da região do Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Concepção das professoras: caminhos metodológicos

Ao realizar-se a pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, cujo principal objetivo foi investigar como os sujeitos que vivem no Pantanal do Estado de Mato Grosso do Sul se constituem, por meio de levantamento das produções científicas que contemplavam a temática em tela e de pesquisa em campo realizada nas escolas desta região, procurou-se ouvir as professoras que atuavam na Escola Municipal Rural Polo Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, localizada na Base de Estudos do Pantanal (BEP/UFMS)ⁱⁱⁱ, município de Corumbá, região do Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Foram colaboradoras dessa fase da pesquisa três professoras que atuavam nos segmentos da Educação básica - Anos Iniciais e Educação de Jovens e Adultos (EJA) que nesse estudo estão denominadas de Profa.1, 2 e 3. As docentes possuíam mais de quatro anos de experiência em sala de aula e atuavam naquela escola por mais de dois anos.

Ressalta-se que os depoimentos aqui apresentados não têm valor quantitativo, mas qualitativo, no sentido da representação da festa popular na concepção das professoras entrevistadas. São trechos representativos para essa discussão.

A compreensão de cultura pode adquirir diversos sentidos e significados e, por isso, frente às diferentes concepções referentes ao tema, buscou-se em nossos estudos compreender o que pensam as professoras que atuam dentro de um espaço formal de educação.

Entre várias questões em pauta, buscou-se compreender o que entendiam por cultura, se havia uma cultura com traços específicos da região pantaneira e quais elementos dessa cultura estariam presentes nas atividades formais em sala de aula. As respostas apontaram que, pelo olhar daquelas professoras, a cultura está expressa em muitos momentos, principalmente nas festas populares, conforme se destaca:

Cultura... Pra mim, são festas, as tradições de um lugar. Por exemplo, lá em Corumbá eu vejo que é um lugar onde é rica em cultura, além do

patrimônio histórico da cidade, tem muitas festas, tem carnaval, tem festival gastronômico, tem festival América do Sul, tem as festas populares, a de São João, o banho de santo. Isso, eu acho que é cultura de um lugar. (Profa. 3).

Tem muitos deles (alunos) que são corumbaenses, sendo corumbaense ou não eu tenho a preocupação de deixar assim, um pouco da cultura de Corumbá aqui, as comidas, as festas. Inclusive no mês de junho a gente tá com ideia de fazer a festa de São João (na escola). Eu acho que a cultura nunca pode ser perdida (Profa. 1).

Entende-se que cultura, para as professoras, entre outras acepções, tem o significado de tradições, evidenciado por meio de manifestações nas quais os sujeitos estabelecem comunicação entre artefatos culturais, pois as festas Juninas são organizadas e festejadas em todas as regiões do país, mas há, em cada contexto, a singularidade do homem que a cria e, ao mesmo tempo, recria, pois é parte da cultura e, portanto, é movimento, é dinâmico.

A menção à Festa de São João de Corumbá está presente com destaque nas respostas obtidas, o que indicou a importância de tal evento para a população local, e motivou a pesquisar mais detidamente este festejo como um fenômeno cultural e educacional de aspecto local e ao mesmo tempo universal.

A festa “São João de Corumbá”

O município de Corumbá está localizado no estado de Mato Grosso do Sul, na parte sul da região Centro-Oeste do Brasil, pertencendo à Mesorregião dos Pantanais Sul-Mato-Grossenses e à Microrregião do Baixo Pantanal, faz fronteira a oeste com a Bolívia e ao sul com o Paraguai. É a quarta maior população do estado, com o número estimado de 110.806 habitantes em julho de 2018. (BRASIL, 2018).

Corumbá é a principal cidade dessa região, sendo a cidade mais antiga do estado de Mato Grosso do Sul. Foi fundada à margem direita do Rio Paraguai com nome de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, em 21 de setembro de 1778.

Em 1865, Corumbá foi invadida e destruída pelo exército paraguaio, durante a Guerra do Paraguai. Ficou sob o domínio paraguaio até o ano de 1868. (DORATIOTO, 2002). Ao final da guerra, a partir de 1870, ocorreu o fortalecimento de seu porto fluvial, que chegou a ser considerado o terceiro maior porto da América Latina, durante as duas primeiras décadas do século XX, sendo responsável pelo aumento do fluxo comercial e

da entrada de imigrantes provindos de outros estados brasileiros e dos mais variados países (ITO, 2000).

Provém desse fluxo migratório um hibridismo cultural, que se define como “um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos [...] Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças” (CARDOSO, 2008, p. 79).

Assim, a convivência entre descendentes europeus, árabes, libaneses, paraguaios, bolivianos, africanos e indígenas, possibilitou combinações ímpares de suas culturas, que contribuíram para a formação das especificidades culturais locais, das quais a singularidade dos festejos dos santos católicos, Santo Antônio, São João e São Pedro, pode ser destacada.

Portanto, mesmo provindo de uma tradição nacional, a festa de São João em Corumbá incorporou os elementos que são comuns a essas festas em geral, e os ressignificou em eventos únicos, tornou-se, assim, “um cadinho onde sentimos vibrações da cultura pré-cristã europeia, da religiosidade dos missionários portugueses do século XVIII, de árabes — de onde vem a ablução do santo — de índios e de negros.” (FERNANDES, 1998, p. 122).

A festa de São João de Corumbá é uma tradição passada de geração para geração entre as famílias corumbaenses, sendo uma das celebrações mais importantes do calendário cultural de Mato Grosso do Sul. Os registros históricos apontam que desde 1882 já eram realizadas na cidade: “Nos periódicos do final do século XIX, há referências a elas. Identificamos as primeiras menções no jornal O Iniciador, de junho de 1882 e 1883, especialmente sobre as festas de Santo Antônio e São João.” (SOUZA, 2004, p. 333).

Essa é uma festa que expressa todo o sincretismo da população, já que conta com ritos realizados em missas nas igrejas católicas e também festas nos terreiros de umbanda e candomblé da região, demonstrando claramente o hibridismo cultural expresso nas manifestações e festas populares:

É comum encontrar participantes e devotos que fundem suas louvações em cerimônias da religião católica e de matriz africana nessa festividade. Esses devotos oferecem, no mês de junho, novenas, rezas e missas a São João Batista

para, sequencialmente, sagrar toadas a Xangô, em agradecimento por uma graça alcançada. (FERNANDES, 2012, p. 12).

Nos festejos, concentram-se mais as homenagens e rituais para São João. Dentre estes rituais realizados em espaços públicos, destaca-se o subir do mastro no Porto Geral da cidade, para nele hastear a bandeira de São João e fixar na ponta superior a coroa. Essa cerimônia é realizada com o entoar de rezas, cantos e danças realizadas pelos cururueiros^{iv} Após o erigir do mastro e da cruz, os versos proferidos pelo grupo mudam e passam a ser cantados detalhes da vida cotidiana, envolvendo trabalho, lazer e críticas ao momento social. (SIGRIST, 2005).

O banho de São João

A cerimônia de lavar os santos, trazidos nos andores, nas águas do rio Paraguai, inspira-se no costume árabe de usar a água como purificação e também se articula ao simbolismo do batismo de Jesus, realizado por São João Batista, nas águas do rio Jordão. Com a ressignificação da população local, o banho de São João simboliza renovação, já que pela crença, após o banho, o rio Paraguai começa a baixar, inaugurando uma outra etapa do ciclo das águas que regula todas as atividades daquele entorno:

Exemplificando, a água utilizada no rito do batismo também simboliza a esperança de boa colheita, maior produção e fertilidade. Um dos temas dessa festa, portanto, é a renovação. No contexto da região, o rio tinha uma importância vital para toda aquela população, que vivia e dependia do fluxo das cheias e vazantes dos rios do pantanal. Daí, a crença de que na noite de São João, após o banho do santo, as águas do Rio Paraguai começavam a baixar. (SOUZA, 2004, p. 334-335).

O ponto alto da festa de São João de Corumbá é o banho do santo. Mas para chegar a esse momento, existem várias cerimônias que são desenvolvidas em núcleos familiares, chamados de arraiais. Cada arraial é montado por uma pessoa, o festeiro, que mantém os festejos para honrar promessas feitas a São João, e que são passadas de geração em geração nas famílias destes festeiros.

Os festeiros convidam parentes, amigos e vizinhos para formar um arraial. Cada arraial produz um andor enfeitado que carregará uma imagem de São João. No dia 23 de junho, mais cedo, saem as procissões com andores de São João se dirigem até as igrejas, para as missas encomendadas. Mais tarde, próximo à meia-noite, os arraiais se encontram na ladeira Cunha e Cruz, que termina na margem do rio Paraguai, e formam o Cordão de

São João para descerem a ladeira, com lanternas e velas, embalados por ladainhas e marchinhas de carnaval, para dar o banho nos santos trazidos. (SIGRIST, 2005).

O Banho de São João de Corumbá foi reconhecido pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio do Decreto nº 12.923 de 21/01/10, como patrimônio imaterial histórico e cultural.

A festa de São João como um processo educacional

Ao considerar que a educação abrange também os processos formativos presentes nas manifestações culturais que dizem respeito às tradições, retorna-se a Santos (2006) ao considerar que:

Lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições – esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas dizem algo enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade. (SANTOS, 2006, p. 47).

A partir dessa ideia, ao refletir sobre as tradições, muitas vezes reveladas pelas festas populares entre outras manifestações, é comum pensar a cultura como algo tradicional, que significa sempre igual, sem alteração. O fato de que as tradições de uma cultura possam ser repetidas não implica que não se alterem. Nada do que é cultural é fixo porque a cultura já implica em processos de mudança, pois é processo social, no qual o homem participa ativamente.

Não raramente, em trabalhos que discutem tradições culturais, encontra-se a noção de que o que é popular, o que vem do povo, por essa condição já remeta ao pensamento de inferioridade, de algo menos relevante. É preciso ressaltar que as manifestações culturais são parte do processo histórico, no qual os homens se encontram, se revelam, criam, participam de momentos de transformação, que deixam de ser associadas a uma parte da população para serem aderidas em sua totalidade, ou seja, por todos que querem, de alguma forma, por algum motivo, participar das atividades festivas, que são do povo sem discriminação de raça, cor, etnia, gênero, assim como outras manifestações culturais. As manifestações culturais populares tornam-se um legado, um patrimônio da história de um povo, de um lugar, pois há sempre aspectos singulares que representam o universal.

O processo educativo, então, está imbricado nas festas populares, aqui especificamente representadas pelo festejo de São João de Corumbá, uma vez que

percorre gerações e ainda continua patente na sociedade como um grande evento social, que passa de uma geração para outra.

Quando as professoras entrevistadas citam a festa de São João, compreende-se nessas falas a necessidade de repensar o seu sentido.

Cultura pantaneira é muito ampla né? Principalmente a começar pela a comida, as tradições que aqui tem né? O banho de Santo. Eles falam que agora virou patrimônio histórico. Tem o casario. [...] Banho de Santo é a festa de São João no dia 24 faz uma festa é uma cultura que já foi tombada, é patrimônio histórico da cidade toda a população participa, aqui também e as comidas típicas, o arroz carreteiro a paçoca, o que mais... A Cultura pantaneira é viver os costumes da região. A cultura daqui é rica. (Profa. 1).

Cultura pantaneira pra mim... Eu acho que é a tradicional, né? Banho de Santo, música com viola de cocho, as comidas típicas da região, o jeito de falar do Corumbaense também, que é bem original, né. É típico. (Profa. 3).

Nos depoimentos das professoras, percebe-se que a festa de São João de Corumbá está atrelada ao processo da constituição da própria cultura pantaneira, do ser pantaneiro. Daquilo que deve ser passado de uma geração para outra, principalmente por representar o agradecimento e o pedir: “As pessoas que estão aqui, não estão à toa. Eles vêm por algum motivo, ou para pedir, como eu disse, ou para agradecer.” (FERRAS, 2013, p. 1). Representa também a fartura que o rio Paraguai proporciona, que alimenta, que serve de locomoção e que nunca discrimina ninguém, pois, a partir dele, as trocas culturais de diversas nacionalidades foram e são constantes.

Pode-se destacar que não existe uma única forma de fazer a festa de São João de Corumbá, cada festeiro realiza o banho, ou não, de sua forma. Destaca-se os relatos de duas casas:

O meu nome é Horaide Teodora Cardoso, eu sou a primeira filha do meu pai, raspada, da casa dele. A primeira filha dele, da Oxum com Xangô. E foi que o banho de São João surgiu devido por ele ser também o meu orixá, que é Xangô, né. Então eu tinha que fazer alguma coisa pra que sustentar mais as forças do orixá no meu ori. E a gente começou a participar no banho de São João porque antes a gente só fazia a louvação do orixá dentro do barracão. E então que até hoje a gente está dando banho no São João, que chega no dia 23 de junho a gente está participando a louvação do santo na ladeira Cunha e Cruz. (RAMOS, 2013, p. 1).

A devoção a São João Batista iniciou com meu avô paterno, Sr. João Ferraz, pela década de 1970, quando ele chegou aqui em Corumbá juntamente com minha avó, Sra. Dália Soares. Meu avô era mineiro e todos os anos a data, a festividade, em torno do dia 24 de junho, dia do nascimento de São João Batista, nunca passava despercebido na família. [...] Meu avô preparava a

fogueira em frente da residência, a minha vó preparava os quitutes, o bolo de fubá, o pé de moleque, o arroz carreteiro e a família se reunia. [...] era algo que já fazia parte do calendário familiar. Todos os anos se reunir para celebrar São João Batista. (FERRAS, 2013, p. 1).

Os discursos acima mostram o sincretismo que a festa agrega e a diversidade de formas de fazer o festejo e que são reinventadas e reinterpretadas, como todo processo humano criativo e social. “Toda festa corresponde a um tempo-espaço especial. Mais precisamente, forma a demarcação de um fazer coletivo, reunindo muito esforço e prazer num mesmo acontecimento. Geralmente o viver na festa demonstra a força de uma coletividade.” (OLIVEIRA, 2007, p. 23).

Mas qual é o sentido de uma festa como a de São João de Corumbá? Levando-se em consideração que a cultura pode ser concebida como “uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade” (SANTOS, 2006, p. 44). Cabe ressaltar que não se trata apenas da festa em si, mas de sua manifestação, de sua construção histórica, de um produto coletivo da vida humana.

Esse entendimento coaduna-se com as ideias de Rubinstein (1977, p. 27) quando escreve que “toda a ação humana estabelece-se uma relação entre o que é socialmente importante e o que é importante para a própria pessoa”. Logo, o objetivo da ação humana sempre estará implicado com os semelhantes e “toda atuação objetiva do homem é um ato de relação com os seus semelhantes, na qual para o sujeito atuante, não só se abre o mundo objetivo, onde está implicada a atuação, como também o conteúdo de uma vida social, compreendida nessa atuação e que a determina” (RUBINSTEIN, 1977, p. 27).

Nessa direção, Leontiev (2004) reconhece que a cultura como desenvolvimento do sujeito, está agregada ao desenvolvimento da sociedade. Entende-se que um processo de educação que expressa a vivência na dimensão social, conforme aponta Santos (2006, p. 47) “não é uma parte da vida social, não é parte independente, mas diz respeito a todos os aspectos da vida social” O autor ainda ressalta que “os eventos tradicionais, por serem tradicionais, podem convidar a serem vistos como imutáveis”. (SANTOS, 2006, p. 47).

E na escola, como são tratados esses eventos? Evidencia-se que são tratados como eventos homogêneos e estáticos, que nunca se alteram, porém, ao se pensar a

educação para além do ambiente escolar, entende-se as festas Juninas como produto da cultura humana e, portanto, educativos no sentido amplo da vida social.

Ao retomar o espaço escolar, de educação formal, as festas Juninas são tratadas como eventos tradicionais, onde há uma dança, sempre elegem a quadrilha, as pessoas se caracterizam vestidas como “caipiras”, cigarro de palha, calça curta, chapéu de palha e dente pintado. Essa caracterização admite dentro do espaço formal o aprendizado de que uma festa Junina é apenas um modo pejorativo de representação de uma festa do “povo caipira”. Não está instituída no currículo escolar, logo, não há discussão e estudo consistente referente à temática. É apenas uma festa que acontece uma vez ao ano, como tradição.

Mas, então, o que é educação nessa perspectiva? Entende-se que o sujeito ao participar de uma manifestação cultural está se apropriando de experiências e vivências coletivas e ao se apropriar está se transformando e, ao mesmo tempo, está na condição de transformador, nada é imutável, a cada festa uma nova experiência é internalizada.

Os aspectos aqui analisados deixam entrever que não se trata apenas de uma festa que acontece todos os anos, mas um momento de interação, de aprendizado, de expressão cultural e social. Para Sanchis (1983), ao apresentar seus estudos referentes à festa popular, aponta que na organização de uma festa há um planejamento, a atribuição de funções, com diferentes responsabilidades. Cada um desempenha o seu papel e, nessa configuração, a aprendizagem acontece, a transmissão de conhecimentos, a acolhida ao outro que vem de fora, estabelece-se a comunicação entre o local e o universal, tornando-se assim, uma prática educativa.

Para o autor, há uma relação constante de aprendizagem na festa por meio do próprio fazer de cada um, pois a festa em sua configuração destaca diferentes funções: daqueles que comunicam os horários, as datas, as notícias em geral, que vendem e trocam mercadorias, que participam de comissões, de grupos para organização das estruturas que compõem a festa. E, nessa organização, cada um assume um papel diferente, inclusive, daquele que vive em seu dia a dia.

Reitera Sanchis (1983), que durante uma festa popular, institui-se diferentes papéis a quem dela participa, pois os papéis desempenhados se modificam da hierarquia

do cotidiano, portanto, na festa não há superioridade ou inferioridade, há pessoas que se relacionam para o mesmo objetivo.

O autor aponta que nas festas populares há artistas diversos e anônimos que se despontam como cantores, dançarinos, tocadores de diferentes instrumentos, tem também aqueles que se destacam como decoradores, confeitores. Há inúmeras outras funções que se criam nas diferentes festas populares espalhadas pelo mundo, que são criadas e apropriadas para a concretização dos festejos.

Para Sigrist (1998) as festas, são definidas como essenciais na história da civilização humana, pois seu teor expressa uma concepção de mundo da sociedade que festeja. Desse modo, uma festa popular apresenta possibilidades de educação e de o homem “participar enquanto criador de todas as manifestações da vida humana” (LEONTIEV, 2004, p. 302).

Considera-se a educação como processo de aquisição e produção de conhecimento que contribui para o desenvolvimento humano em todos os aspectos de sua vida social, todos esses elementos confirmam que a educação não é apenas escolarizada, ocorre em diferentes tempos, espaços e situações, sendo que a forma como ela acontece é intrínseca ao ambiente onde se manifesta.

Considerações possíveis

A compreensão de educação perpassa para além da forma escolarizada. A educação está em diferentes momentos, espaços e tempos que se apresentam como educativos. Entre distintos contextos, as manifestações populares, aqui em nosso estudo representadas pela festa de São João de Corumbá, apresentam as dimensões políticas, religiosas, sociais, cognitivas, linguísticas e pessoais que estão presentes em sua organização, tanto no que se refere ao individual como ao coletivo.

Os aspectos aqui analisados deixam entrever que os sujeitos, ao prepararem e participarem dos festejos, se apropriam de diferentes formas de saberes que não estão instituídos na escola e, portanto, no currículo escolar, mas são saberes que possibilitam novas formas de compreender a sociedade.

Importante se faz compreender que as concepções de cultura aqui discutidas ultrapassam a ideia de cultura na separação de popular e erudito, mas para uma ideia de cultura como legado da humanidade. Dessa forma, entende-se que o particular está no

universal possibilitando conceber a cultura em sua totalidade, como essência e, nessa perspectiva, as festas populares representam a possibilidade da coletividade, da produção de saberes e das relações sociais necessárias em todos os contextos educativos, principalmente na escola.

Referências

ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande: Ed. Uniderp, 2003.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>> Acesso em: 16 jan. 2019.

BRASIL, LDB - **Lei de Diretrizes e Bases** – Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acessado em: 18 mar. 2018.

CARDOSO, J. B. Hibridismo Cultural na América Latina. **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 27, p.79-90, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1127/914>> Acesso em: 16 jan. 2019.

DORATIOTO, F. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERNANDES, F. A. G. Os Cururuzeiros na festa pantaneira de São João: apontamentos de literatura oral. **Revista Letras**, São Paulo, n.37/38, 1998, p.122-138.

FERNANDES, H. D. **Deus te salve João Batista: uma contribuição sobre o Banho de São João de Corumbá - Mato Grosso do Sul**. 1. ed. Parma: São Paulo, 2012. v. 1. 93p.

FERRAS, A. T. O. São João faz parte da nossa família. In: FERNANDES, H. D. **Deus te salve, João Batista!** Uma contribuição sobre o Banho de São João de Corumbá - Mato Grosso do Sul. Menu Histórias (website), 2013, p.1-2. Disponível em: <http://banhodesaojoaodecorumba.com.br/banho_c/indexbdo4.html>. Acesso em: 16 jan. 2019.

ITO, C. A. **Corumbá: O Espaço da cidade através do tempo**, 1 ed. Campo Grande-MS, Editora UFMS, 2000.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

OLIVEIRA, C. D. M. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 06, número 11, 2007, p. 23-32. Disponível em:

<<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/54/29>>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

RAMOS, H. T. C. Vieram pra conhecer Xangô. FERNANDES, H. D. **Deus te salve João Batista!** Uma contribuição sobre o Banho de São João de Corumbá - Mato Grosso do Sul. Menu Histórias (website), 2013, p.1. Disponível em: <http://banhodesaojoaodecorumba.com.br/banho_c/indexeod1.html>. Acesso em: 16 jan. 2019.

RUBINSTEIN, S. L. **Princípios da Psicologia geral**. Lisboa: Estampa 1977.

SANCHIS, P. **Arraial**: festa de um povo. As romarias portuguesas, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SIGRIST, M. Festa - **Lugar de Educação**: o Divino na Pontinha do Cocho. 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul: Campo Grande, 1998.

SIGRIST, M. Repartir o chá e lavar o santo: rituais do Cordão de São João de Corumbá/MS no roteiro turístico brasileiro. In: **Anais eletrônicos**. VIII Conferência de Folkcomunicação, Teresina: Piauí, 9 a 12 de jun de 2005, p. 1- 15. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16225890-Repartir-o-cha-e-lavar-o-santo-rituais-do-cordao-de-sao-joao-de-corumba-ms-no-roteiro-turistico-brasileiro.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vygotsky. **Educação & Sociedade**, 21(71), 45-78. 2000.

SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 331-351, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200014>. Acesso em: 16 jan. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Notas

ⁱ Essa festa é realizada na cidade de Corumbá, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, desde 1882 (SOUZA, 2004), geralmente entre os dias 22 e 25 de junho, tendo como ponto alto o encontro das procissões para o banho das imagens de São João trazidas nos andores, nas primeiras horas do dia 24 de junho.

ⁱⁱ Pesquisa financiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Ciências e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), sob a coordenação da Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt.

ⁱⁱⁱ A base de estudos se localiza na região do Pantanal com possibilidades de desenvolvimento de atividades relacionadas ao ensino, extensão e pesquisa.

^{iv} Grupo de homens que tocam instrumentos viola de cocho e ganzá, sendo os responsáveis por entoar as ladainhas nas cerimônias religiosas. Essa é uma tradição que persiste nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Sobre os autores

Joelci Mora Silva

Doutora em Educação (Linha de Pesquisa Processos formativos, práticas educativas, diferenças) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2017). Mestre em Educação (Linha de Pesquisa Processos formativos, práticas educativas, diferenças) pela UFMS. Licenciada em História pela UFMS, possuindo também curso em Análise de Sistemas (SEIC). Atua como professora substituta no curso Licenciatura em História - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nas disciplinas Teorias e Metodologias da História I, História Antiga e História Contemporânea (desde março de 2018). Trabalhou como professora substituta das disciplinas de Metodologias da História, História Antiga, História Regional, Estágio e Trabalho de Conclusão de Curso no curso Licenciatura em História - UFMS. Foi professora voluntária do curso Licenciatura em História - UFMS nas disciplinas de Prática de Ensino em História II, Prática de Ensino em História III e Estágio Supervisionado II. Atuou na Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (EAD - UFMS) como professora pesquisadora nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduação, em nível de especialização, Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça e como professora conteudista no curso de extensão Produção de Material Didático para a diversidade. Possui experiência nas áreas de Informática educacional e formação de professores. Pesquisadora nas áreas de Psicologia, Educação e Prática docente, com o foco no tema Tecnologias na Educação. É integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação - GEPPE/UFMS. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4862-4245> E-mail: joelci.mora@gmail.com

Celia Beatriz Piatti

Doutora em Educação (Linha de Pesquisa Processos formativos, práticas educativas, diferenças) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013). Graduada em Pedagogia - Licenciatura Plena - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava, com especialização em Administração Escolar e Orientação Educacional. Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2006). Coordenadora do grupo de pesquisa em formação de professores (GPFORP). Professora da UFMS, lotada na Faed (Faculdade de Educação) atuando como docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo-LeduCampo, do curso de Pedagogia e no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atualmente é coordenadora da linha de pesquisa -Processos formativos, práticas educativas, diferenças. Tem experiência na área de educação, atuando em ensino, pesquisa e extensão com os seguintes temas: Educação do Campo; Formação de professores na perspectiva histórico cultural. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2733-8218> E-mail: celiabiatti@gmail.com

Eder Ahmad Charaf Eddine

Doutor em Educação (linha de pesquisa Psicologia e Educação) pela Universidade de São Paulo - USP (2018). Possui mestrado em Educação, linha de pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS e graduação em Psicologia - Formação de Psicólogo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. É Professor do Magistério Superior da Fundação Universidade Federal do Tocantins - UFT. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia e Educação.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1882-8503> E-mail: ederahmad@gmail.com

Recebido em: 11/02/2019

Aceito para publicação em: 05/03/2019